

Era uma vez o *Homo sapiens*, uma espécie violenta. É possível pacificá-la?

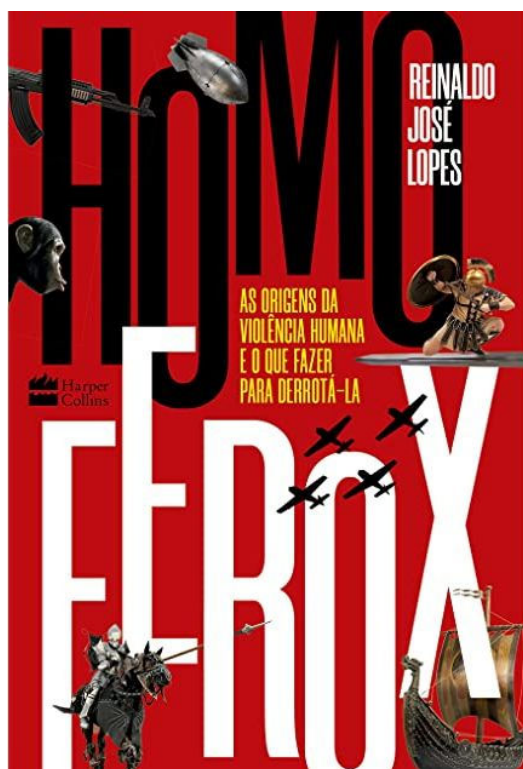
RESENHA

Lopes, Reinaldo José. *Homo Ferox*:

As origens da violência humana e o que fazer para derrotá-la.

Rio de Janeiro, Harper Collins, 2021, 320 p.

FABIO ANGEOLETTO*



O Brasil é um país com milhões de estudantes que não conseguem cursar uma graduação, e com milhares que estão nas universidades, mas têm pouca experiência em aplicar o método científico, e precisam de embasamento teórico. Há também leitores que não frequentaram universidades, mas desejam ilustração e querem saber mais

sobre a violência desde uma mirada científica. Ou ainda trabalhadores do Poder Judiciário e formuladores de políticas públicas. A todos esses grupos, *Homo ferox – As origens da violência humana e o que fazer para derrotá-la* é um livro recomendável. O esforço de Reinaldo José Lopes em escrever em chave interdisciplinar é louvável, tanto mais pela formação do autor, que é jornalista, e que escreve – traduz – temas complexos da biologia e de outras ciências. Bem traduzidas, essas informações são palatáveis para uma audiência ampla. Seu livro é uma contribuição importante para a criação de uma cultura científica, ainda incipiente entre os brasileiros.

Na introdução de *Homo ferox*, o autor dedica quase 10 páginas para listar controvérsias que ele não abordará, por inúteis, mas que valem o esforço de desmontá-las, em benefício dos leitores. Por exemplo, o fato de que seres humanos são animais. Na página 23 do livro, lemos que “muita gente ainda me olha torto quando chamo a atenção para esse fato básico da existência – o de que homens são animais”. A natureza

* **FABIO ANGEOLETTO** é jornalista, biólogo e professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR).

zoológica dessa espécie primata deveria ser evidente. Mas as miradas pouco amistosas relatadas por Lopes são fruto de um mito, o mito do progresso, segundo o qual o crescente conhecimento científico nos libertará dos limites que constroem a vida de outras espécies animais.

A crença no progresso é o alicerce do humanismo, definido pelo filósofo John N. Gray como a visão do homem como uma espécie singular e única no mundo, e, logo, apartada da natureza. Curiosamente, o mito do progresso, que foi herdado do Cristianismo, é abraçado por boa parte da comunidade científica, ainda que sejamos, como todas as demais, uma espécie contingente flutuando nas águas imponderáveis do acaso (Gray, 2016). Essa negação da natureza animal do *Homo sapiens* tem consequências. Uma delas é a recusa de alguns setores acadêmicos em incorporar a biologia na compreensão de fenômenos complexos, como a violência.

É claro que a biologia não explica cabalmente a violência. Mas Lopes não evita dissertar sobre as origens biológicas da violência porque ele é rigoroso em sua obra: descartá-las resultaria em um livro descartável. O autor escapa dessa miopia conceitual, e recorre, além da biologia, à arqueologia, à história, à antropologia, à psicologia, às neurociências e às ciências sociais para explicar como fatores biológicos, modulados por fatores sociais, desencadeiam manifestações de violência.

Ao longo dos capítulos, Lopes constrói um panorama que começa antes do alvorecer da humanidade. Ali o autor esmiúça a violência em animais não humanos e em nossos ancestrais. A linha do tempo percorre a pré-história, quando assistimos as sociedades se tornarem maiores e mais complexas, e,

ocasionalmente, mais violentas (quando, por exemplo, recursos escasseiam). Chegamos aos nossos dias e emerge a questão: por que odiamos outros grupos de pessoas que nunca agiram com violência contra nós? Uma parte importante da resposta é anunciada no capítulo cinco. Nas palavras do autor: “podemos viver em cidades com milhões de habitantes e em nações que chegam a ter mais de 1 bilhão de cidadãos, mas ainda somos primatas com cérebros tribais.” Cooperamos com aqueles do nosso grupo, e tendemos a desconfiar dos *outgroups*, daqueles que estão fora do nosso círculo tribal. Há, por exemplo, vieses inconscientes ligados a discriminação dos que são diferentes de nós, um fenômeno demonstrado por psicólogos sociais. A partir do panorama, o autor ajusta o foco para o Brasil, o país onde mais se comentem homicídios no mundo. As origens e causas da violência onipresente aqui são analisadas no capítulo sete.

Um capítulo particularmente interessante de *Homo ferox* é o sexto. Lopes relaciona as religiões à violência, e apresenta a hipótese dos *Big Gods*. Se nas sociedades de caçadores e coletores de alimentos os deuses não são morais, isto é, eles não estão *moralmente preocupados*, em sociedades mais complexas os *big gods* são o fiel da balança da coesão social. Eles monitoram e punem transgressores morais. Portanto, provavelmente os deuses grandes impulsionaram a criação de sociedades de grande escala. Nas palavras do autor: “a crença neles é que teria permitido a interação cooperativa e pacífica de completos desconhecidos que caracteriza a existência de cidades, Estados e impérios”. Pensemos em São Paulo, pregando que batizados de quaisquer etnias, gálatas, romanos ou gregos são *irmãos*. Um imenso *ingroup* é criado a partir dessas conversões.

Mas a crença nos *deuses grandes* também catalisou a violência. Ela originou uma sub-moralidade que classifica o que é certo ou errado para a sociedade e na relação dela com seu deus. Assim, comportamentos moralmente inaceitáveis, ainda que não causem danos sociais, não são percebidos pelos fieis como uma impureza pessoal, mas também como uma ameaça imaterial coletiva. A condenação do Cristianismo ao comportamento homossexual, e a resultante perseguição e violências contra homossexuais, são um exemplo.

Homo ferox tem um subtítulo: *As origens da violência e o que fazer para derrotá-las*. Se o autor descreve acuradamente as origens biológicas e sociais da violência, no capítulo final, “Razões para ter esperança” ele é mais genérico. Alguns dos 10 caminhos que Lopes propõe para enfrentarmos a violência são pertinentes, como a redução das desigualdades. Outros parecem menos críveis, como a valorização dos dissidentes e rebeldes – ainda que sua dissidência seja justificável. Quantos brancos aplaudiram a norte-americana Rosa Parks, quando ela se negou a ceder seu assento em um ônibus a um homem branco? Ademais, a dissidência *per se* pode florescer em violências. Elas são justificáveis?

Informações científicas usualmente são de difícil compreensão. O livro tem o mérito de conter ilustrações que são úteis na explicação de conceitos científicos relatados pelo autor. Outro ponto positivo é a bibliografia comentada ao final dos capítulos, um roteiro para interessados em ir mais além. Neste livro de vários méritos, há duas debilidades. O autor, provavelmente ansioso em manter o interesse do leitor enquanto explica

conceitos complexos, com alguma frequência recorre a reverências como esta: “mas nenhuma explicação fará sentido nem será capaz de iluminar o conjunto da experiência humana se ignorarmos o fato de que somos animais bioculturais (é, eu sei que é uma expressão desgraçada de esquisita)”. O tema do livro é complexo, e o autor não precisa desculpar-se por *desfiar o novelo*. Ele tem de fazê-lo através de um bom texto, e Lopes o faz muito bem. Mesuras são desnecessárias, porque elas perturbam a fluidez da leitura. Ademais, a multiplicidade de temas, conceitos e de menções a cientistas demanda um índice remissivo, que *Homo ferox* não possui.

O autor pergunta-se se é possível aos seres humanos desfrutar, para seu benefício, de sua incrível capacidade de cooperação, mas sem o uso desse potencial contra competidores. Para Lopes, essa é uma questão em aberto, mas o caudal de informações que ele apresenta ao longo de *Homo ferox* apontam para uma negativa.

Ainda assim, precisamos buscar a paz. Como nos versos de Charles Bukowski, que viu de perto a violência entre os expelidos do Sonho Americano: *you cannot win death, but you can win death in life, sometimes. E quanto mais você aprende a fazer isso, mais luz haverá.*

Referência

Gray, John. **Straw dogs**: Thoughts on humans and other animals. Farrar, Straus and Giroux, 2016.

Recebido em 2022-07-08
Publicado em 2022-09-15